

# Na Sala de Aula

SEGUNDA-FEIRA | 25 | JUNHO | 2007

## Consumidores de letras

Garotada entra no mundo dos livros pelos textos de aventura e, depois, parte para os clássicos



Com os alunos Rodrigo Lisboa, Francieli Tedesco e Gabriela Pereira, a professora Maria Helena de Abreu não dispensa os clássicos, mas vê reflexos positivos da leitura de outras obras.

**Alunos de Fraiburgo discutem problemas e soluções para o meio ambiente**

Página 4



**Como os estudantes de Mafra vêem o aquecimento global**

Páginas 2 e 3

**Rádio integra a comunidade escolar na hora do recreio com música e notícia**

Página 9

## EDITORIAL

N<sup>O</sup> DC em Sala de Aula está de volta e focado no assunto que é uma das maiores preocupações da humanidade, o aquecimento global. Independente de ter sido celebrado o Dia Mundial do Meio Ambiente no começo deste mês, o tema está em debate no cinema, na TV em audiáudios públicos, em casa, nas escolas. O que acontece é o efeito de aquecimento da Terra, pelo o derretimento das geleiras desestabiliza todo o clima do planeta.

Por isso, o meio ambiente produzida nas páginas deste caderno, que é uma iniciativa e parceria do Diário Catarinense e da Secretaria de Estado de Educação.

Em sala de aula, os professores têm desenvolvido com os estudantes trabalhos pedagógicos sobre as transformações que todos os organismos sofrem em virtude do efeito estufa, decorrente das mudanças de altitude de altitude e cobertura que protegem a Terra. Pelo que sabemos, os alunos estão conscientes e preocupados com o meio ambiente.

Embora seja predominantemente, o meio ambiente não é o único assunto deste caderno do DC em Sala de Aula. Não foi possível de que as crianças e adolescentes não dependam para a leitura, nos últimos anos, motivados por trabalhos como Harry Potter e Senhor das Anéis. Há também pessoas que o mundo de jogos não é problema. O que se discute é a validade. Os professores necessitam a importância deste literatura para introduzir a realidade no mundo das letras, mas não devem que de crianças e adolescentes.

Mergulhado num mundo virtual, os estudantes estão surpreendidos a encontrar e a salvar uma pequena personagem para não perder. Este mundo "ludo" por "ludo", "ludo" por "ludo", e linguagem de jogos, o novo linguagem começa a fazer parte das aulas escolares. Um "ludo" mesmo prova de realidade no mundo das letras, mas não devem que de crianças e adolescentes.

O efeito do Internet não é apenas na mudança de linguagem dos jovens. Pode não ser novidade os estudantes captarem trocas no trabalho complexo, mas se não de busca pressuam uma evolução de leitura "horizontais", pela facilidade de acesso ao material online. Basta um comando "Google", com "V" para a opção "leitura".

Então, uma boa leitura é, depois de usar um jornal, pode o no compartilhamento dos materiais necessários.



DIÁRIO CATARINENSE

## Na Sala de Aula

Diretor Geral: Marcos Neil Barbosa  
 Diretor Comercial: Diego Queiroz  
 Editor-Chefe: Claudio Thomas  
 Gerente Operacional: Cláudio Sá  
 Gerente de Circulação: Adriano Kreidl  
 Coordenadores do projeto: Vanessa Denonverio, Fabiana Tardes do DC, Mariana Ortega e Renato Moura Machado  
 Diagramação: Neil Cuneolo, Fabiana Passa e Tatiana Reis  
 Autogravador: André Finkler  
 Edição: Tarciso Poggio  
 Colaboração: Ana Paula Gonçalves

Comunique-se com o DC  
 Rua: Desembargador Pedro Silva, 2558 - Itaguaré - Florianópolis - SC  
 CEP: 0115-3444  
 Fone: (48) 3215-3333  
 e-mail: na\_sala\_de\_aula@derc.com.br

# Um assunto que está em toda parte

Está na imprensa, na maioria de trabalhos, no cinema de crianças na da hora do almoço. O aquecimento global é o assunto do momento em qualquer lugar que se vá, independentemente de quem fala. Nas escolas, não é diferente. Com o propósito de ensinar e preservar o meio ambiente e apresentar o "al aquecimento da Terra", professores se encontram para discutir assuntos para o problema que não é apenas de crianças e das autoridades, ligadas às aulas. É isso, por exemplo, agora sabe que a escola precisa de aquecimento para causar prejuízo se jogada em qualquer lugar.

A estudante de 1ª série do ensino fundamental da Escola Amélia Dutra Machado, na Capital, aprendeu com a professora Mariana de Almeida que o tipo de lixo que fazem bem e mal para o solo. Para mostrar o que acontece com diferentes materiais quando juntos à natureza, Mariana levou restos de frutas, cascas de verduras, latas de refrigerante e borracha e colocou tudo no quintal da escola com a ajuda das alunas.

A meta é demonstrar o que foi deixado ali depois de dois meses para que as crianças possam ver a diferença de tempo de decomposição entre produtos como alimentos e vegetais.

— Eles se surpreendem ao saber que uma sacola de plástico levava mais de um ano para não estar ali e levantar lepidos sobre o que vai acontecer com cada um dos elementos enterrados. É uma forma de conscientização através da curiosidade — comenta Mariana.

## A força da natureza na alimentação

Os professores de 1ª, 2ª e 4ª séries também trabalham questões ligadas ao meio ambiente de uma forma pouco convencional para mostrar a força da natureza na alimentação. Aproveita da história de "quem se cria se cria e não pelo meio ambiente", eles não só ensinam a plantar frutas e verduras na horta de colégio como acompanham o crescimento das plantas mudadas junto ao alunas.

Quando algumas não se sente bem em sala, ao invés de serem ativas de estudar, um aluno é convidado para ir ao lado de fora e buscar algo que possa trazer o mal estar do colégio — conta a professora Maria Helena, de 4ª série.

Os alunos que há uma mudança real de atitude por parte das alunas que aprendem a não levar esse tipo de comportamento para casa. Isso evidenciado pela aluna que, sem ninguém pedir, en-

che o regador de água e molha as plantas mudadas dos vasos da sala de aula. Nessa aula de preocupação com a natureza, não são só as crianças que estão engajadas no combate ao aquecimento.

Alunos de 7ª e 8ª séries também se mobilizam, mas de forma diferente. André Kato, 15 anos, apresenta para falar sobre seu trabalho diário para os colegas. Ele recorre materiais para reciclagem e conta sua experiência em sala.

Aprendido a reciclar, a gente aprende a não poluir, a não tirar recursos da natureza e que pode gerar um distribuído com lixo — explica o colega Luiz Eduardo de Oliveira, 17 anos.

Em Laguna, no Sul do Estado, a Escola Marinho Calado Júnior trabalha as questões ambientais de uma maneira multidisciplinar. Em parceria com a ONG Uruatins, são desenvolvidas práticas sobre preservação para os alunos e são criados concursos de desenhos e frases. Além disso, os jovens aprendem a plantar árvores.

Os mais jovens, de 1ª a 4ª série, estão participando do concurso nacional "Os Guardiões da Floresta", onde os alunos têm de estudar sobre determinado tema para depois apresentá-lo em desenhos e frases. Os de 1ª a 4ª realizaram uma apresentação especial de teatro no dia das mães.

### COMO ACONTECE O AQUECIMENTO GLOBAL

Apartir dos efeitos internacionais, as emissões de CO<sub>2</sub> (óxido de carbono) aumentaram e atingiram os maiores índices desde o início de 1990. No geral, as polinas nos frentes uma queda de apenas 3,2% nos ventos nos últimos 15 anos.



Manda-nos sugestões para que juntos possamos aprimorar nosso trabalho. Descobre as oportunidades possíveis em sua escola e envie os trabalhos realizados através da Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. e-mail: na\_sala\_de\_aula@derc.com.br

# Os efeitos do calor

A professora Marjaret Ferraz de Oliveira chegou na sala de aula e, logo no começo da conversa, perguntou aos estudantes:

— Em que estação estamos? Foi o português inicial para abordar o tema que está em discussão em todos os cantos do planeta pela relevância e pelo grau de preocupação que manifesta o aquecimento global. Marjaret estava falando para alunos da 7ª série da Escola Estadual Bate-

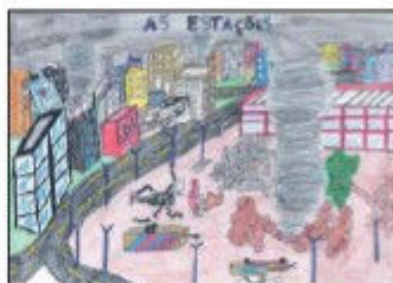
ca Jovino Lima, de Malina, no Pírao do Norte catarinense. Logo em seguida, ela mostrou reportagem sobre o tema e realizou que a turma iria trabalhar sobre as quatro estações.

O objetivo do estudo é mostrar a influência do aquecimento global nas estações do ano e, principalmente, conscientizá-los para que haja uma efetiva mudança de atitude diante por parte deles com relação ao nosso planeta.

Como atividade, os estudantes construíram um filme relacionado ao aquecimento global, que serviu de base para o começo dos trabalhos. Depois da análise de cinema, houve um debate sobre a influência do aquecimento nas estações do ano. Após a discussão, passaram um dia inteiro, parte dele publicada nesta edição. A maioria dos alunos que participaram da atividade têm 13 anos.



Ulana Schiavo, 12 anos, aluna da Escola Básica Jovino Lima, em Malina



Alexandro da Silva, 14 anos



Fabiano Stalarchak Liedt



Marlene Ranz, 12 anos



Camila Augusta, 12 anos



Denifer Priscila Pires, 13 anos



Ana Maria Pires, 13 anos



Denielcio Lourenço, 13 anos



Fernanda Pereira, aluna de 1º ano de ensino médio

## Problema e possível solução

Grande parte da geração que, hoje, tem filhos no ensino fundamental precisa ser conscientizada sobre a importância de preservar o meio ambiente depois que já estava na adolescência, ou mais tarde ainda.

Mas os tempos mudaram e as diversas formas de agestão ambiental levaram o assunto para dentro das salas de aula, e os estudantes debatem o assunto desde a infância.

Os trabalhos desta página são de alunos matriculados do primeiro ano do ensino médio da Escola de Educação Básica Padre Blago Simonetti, em Fraiburgo. O tema "Meio Ambiente" foi desenvolvido pela professora Alessandra de Oliveira Costa.

Com os trabalhos, ela quis destacar os problemas ambientais do

mundo, identificar as possíveis soluções, possibilitar uma melhor integração do homem ao meio em que vive e caracterizar, através de ilustração, os problemas ambientais.

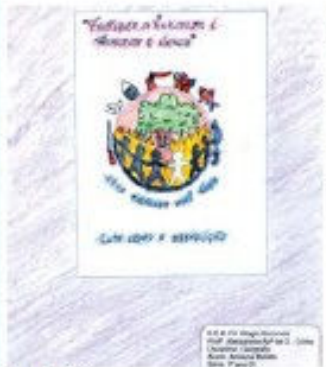
Para se chegar ao objetivo foram utilizadas quatro técnicas: contação de história, conservação, interpretação e ilustração. Além de terem sido programadas atividades fora da escola e ações como o plantio de árvores e a implantação de coleta seletiva de lixo, a professora programou uma sequência de temas para dar continuidade ao assunto: reciclar, extinção de animais, poluição do ar, água, vegetação, carnalidade doente, aumento da população, aquecimento global e SOS Planeta Terra.

Confira alguns dos trabalhos produzidos pelos estudantes.



Eliane da Silva Gomes, Patrícia de Jesus, Maria Francisca, Maria Francisca, Maria Francisca

Eliane da Silva Gomes



Janayra Seixas



Rafaela Alves dos Santos



Michael de Lima Roque



Orlando Costa Moraes



Fernando Ribeiro



Fabiana Cordelo, estudante do primeiro ano do ensino médio da Escola Básica Padre Blago Simonetti, em Fraiburgo, aborda a poluição, os desmatamentos, a extinção dos animais, o aquecimento global, a reciclagem e o consumo.







Na Escola Vicente Silva, em Palhoça, a arte das disciplinas de História e de Artes resulta na representação teatral, pelo estudante, daquilo que está sendo ensinado pelas professoras.

## Para fixar bem a matéria

**O**lhos atentos para a sala diferente com música, maquiagem característica da época de descobrimento do Brasil e gestos teatrais. Nada de silêncio, uniforme ou cópia do quadro. Nas aulas de História do ensino fundamental da escola Vicente Silva, em Palhoça, entre as ferramentas de aprendizagem está o teatro.

A ideia surgiu de uma parceria entre os professores de História, Wlton Luis Torres, e de Artes, José Batista da Rosa, para ocupar da forma mais antiga de ensinar, em que o professor se prepara para dialogar e contar o que sabe aos alunos. Com a união das disciplinas, os estudantes acabam dedicando-se mais a elas, sem se sentirem sacrificados com isso. Porquê, se a sala de Artes nunca foi considerada maçante, a opção sobre a de História sempre se diverte, em qualquer estágio.

A gente aprende e se diverte ao mesmo tempo. É como se a teoria se transformasse em prática — empolgam-se alguns dos participantes.

Na história do descobrimento do país com destaque para Palhoça contada por eles, até o professor de Artes participa e, como em um jogo, todos acabam tendo uma fala. Quem não integra o elenco, que chega a ter estudantes de diferentes turmas, participa batendo palma durante as músicas ou a recitação de poemas que representam os eventos.

Os ritos se multiplicam na hora que grupos



No Colégio Lacerda de Barros, em Florianópolis, o cinema serve de complemento aos livros.

de alunos representam as diferentes etnias de Santa Catarina através de música e dança. Não é à toa que os resultados da encenação começam no aprendizado, passam pela identificação e culminam na formação de platô. De acordo com o professor de Artes José Batista da Rosa, muitos nunca foram ao teatro e acabam despertando o interesse pelas artes em sala de aula.

— Eles gostam de novidade e o lúdico é

sempre um facilitador do ensino. Gir e lozan é essencial para o professor também — diz.

### Artes de Geografia reforçadas pelo cinema

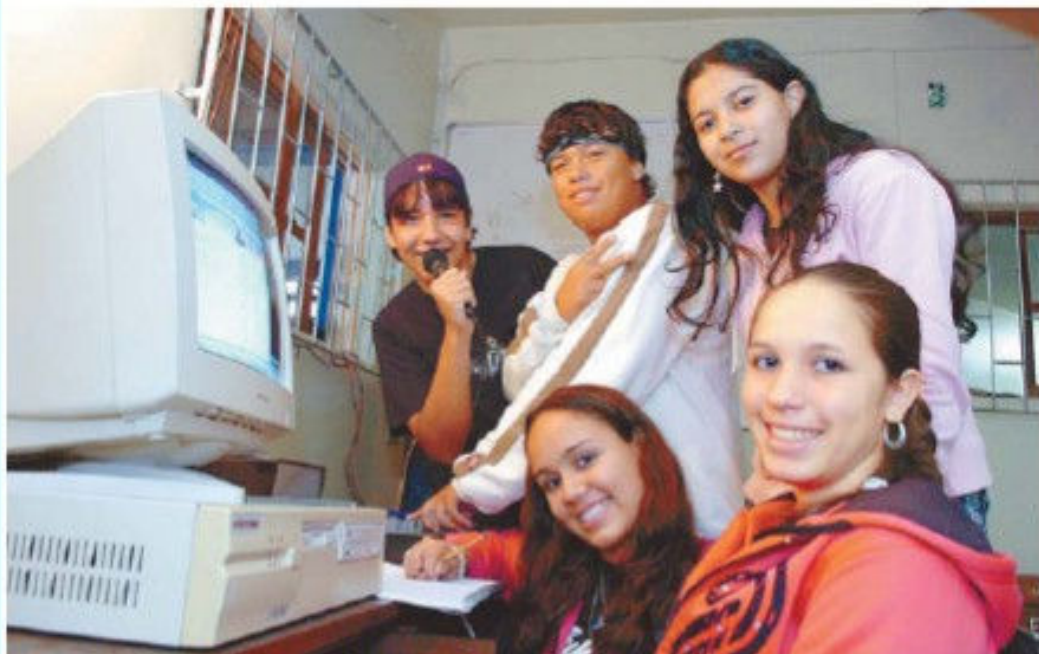
No afã de buscar o novo para atrair o olhar, despertar a curiosidade e prender a atenção dos alunos, os professores acabam descobrindo métodos eficazes para sua sala e trazen-

dores para os estudantes. A turma do terceiro ano do ensino médio do colégio Lacerda de Barros, na Capital, por exemplo, mal pode esperar para a próxima aula de Geografia.

O professor da disciplina, Genes Luiz Galdeira, vai usar a sétima arte para que o conteúdo não seja esquecido pelos alunos. O objetivo de seu projeto, desenvolvido em parceria com o Núcleo de Tecnologia Educacional da Gerência de Educação da Grande Florianópolis, é capacitar os alunos para filmar e editar os vídeos que produzirem durante as aulas. No final do semestre, o desafio será elaborar um curta-metragem sobre um tema em voga a urbanização e seus impactos ambientais.

— A Geografia é uma ciência dinâmica. Não se percebe a transformação do espaço sentido em uma sala, por isso eles vão acompanhar as mudanças de perto, mas registrando suas percepções através de uma câmera — explica Genes.

Para orientar a turma, o professor conta com a ajuda do curso de Artes Plásticas da Ufsc. Alessandra Lettieri, que ensina para os alunos conceitos como enquadramento. Depois da teoria, a lição foi sobre captação de imagens, e as aulas práticas já começaram. O que os alunos estão achando da nova experiência multimedial? Basta dizer que outras turmas estão querendo participar do projeto para saber que a propagação é das melhores.



Grupo integra a Rádio Ativa, criada há cinco anos no colégio Governador Ivo Silveira, em Palhoça, e a programação da emissora é diversificada

## A integração está no ar

«A intenção Marina, da última série? Seus amigos lhe descrevem muito bem seu seu universo?»

A frase ocorre por todo o pátio da escola Governador Ivo Silveira, em Palhoça, minutos antes de soar o sinal para o recreio. Nessa hora, os alunos responsáveis pela "Rádio Ativa" ajustam o aparelho tecnológico que dispõem para entrar no ar.

É que nesse colégio, tanto na entrada quanto no horário do lanche, os estudantes podem desfrutar de músicas, de programas e, claro, da interatividade propiciada por uma rádio-escola. Instalado de uma escada, em uma espécie de porão, com um pequeno armário, dois bancos e o computador, que faz parte da parafarmácia de toda rádio, funciona a Ativa, que entretém os estudantes durante o recreio.

Com o a programação é eclética, ninguém pode dizer que não é contemplado. A cada dia da semana toca um gênero musical, incluindo pagode, rap, MPB, rock e dança. Apesar de a música ser o carro-chefe, a ferramenta de comunicação, utilizada há cinco anos, ainda oferece entrevistas com convidados de dentro e fora da escola. Pela rádio, os alunos também recebem notícias do colégio e da comunidade.

A rádio socializa e promove a inclusão dos alunos. Todos participam, seja com pedidos de música ou com palpites sobre a programação para o grupo que está à frente do projeto — ressalta uma das coordenadoras da Ativa, a professora Alessandra da Silva.

Enquanto isso, o pátio vive alunos de dife-



Patrícia de Vargas faz parte do grupo da Rádio Ativa e diz que, no começo, dá um trô na linguagem

renças sérias e ácidas graças a um diálogo do rock. A música que toca é Sweet Child O'Mine, da banda Guns N' Roses, que faz alguns até articularem uma chamaçada no corpo.

Dentro da rádio, a equipe responsável pela programação daquele período, formada por cinco alunos pré-selecionados da última série, do primeiro e segundo ano de ensino médio, se prepara para encerrar as atividades da Ati-

va. Afinal, para garantir certa vaga no disputa da rádio, é preciso ter boas notas.

Como muitos querem estar aqui, a gente acaba sendo um exemplo para os colegas. O único problema é que, no início, falar na rádio dá um frio na barriga, mas depois acostuma — comenta a equipe, Patrícia de Vargas, Vitor Fernandes, Amanda Borges, Ingridine da Costa e Caroline Ribeiro (na foto maior).

## Estudantes elaboram os roteiros

Respostas devido da estreita relação entre os jovens e a música. O que muitos professores não imaginavam é que a iniciativa da rádio-escola, entre outros benefícios, como a disciplina, poderia resultar em uma relação mais objetiva correta.

Os alunos escrevem o roteiro da programação. Para isso, alguns colégio contam com a colaboração de professores e estudantes do curso de Comunicação Social da Unival.

São eles que ajustam a rádio escolar da realidade de uma comunitária. No colégio Wanderley Júnior, em São José, o projeto conta com orientação universitária e é desenvolvido no do Ivo Silveira. A "Rádio Guerra", batizada devido ao local de funcionamento ser uma quarta decastrada, substituiu as brigas entre frequentes entre os alunos, pela descontração que a música oferece ao ambiente. Lá, até os professores estão se organizando para apresentar programas.

Quem dá aula de história, por exemplo, já pensa em aproveitar a rádio para tocar canções de bandas relacionadas ao período que estiver lecionando. São eles para os anos 1960, Pink Floyd para os 1970, e assim por diante.





A professora Ana Augusta Grotti explica a Anderson de Oliveira, Amanda Alves, Adriana Lopes como devem utilizar bem a tecnologia

#### Para evitar a cópia

- Chama atenção do aluno ao detectar o problema. Peça o ver que está ocorrendo e copie.
- Quando a situação se repetir, converse com o aluno, buscando a melhor solução para o resolver o problema.
- Mostre que está sendo sempre na internet.
- Corriga a redação dos estudantes.
- Não peça trabalhos sempre no papel.
- Se pedir, converse sobre o tema.
- Traga o conteúdo à tona em provas.

## Como usar a Internet

Para um trabalho para corrigir e não detectar erro ortográfico e ainda encontrar palavras de um vocabulário nada usual entre estudantes pode ser indicado de uma política correta nas escolas: a cópia. Mas, se os alunos levam ao pé da letra o ditado popular de que "tudo se cria, tudo se copia", os professores precisam estar atentos para impedir que um trabalho fique pronto com alguns cliques do mouse.

É claro que antes da popularização da Internet, já se lançava mão de livros e trabalhos afetos para copiar. O problema é que o "control C e o control V" — comandos do computador usados para copiar e colar documentos — dispõem até mesmo o exercício da escrita.

Sei de professores que estão pedindo trabalhos feitos à mão para que os alunos escrevam — avalia Alexander Oliveira, professor de Português e coordenador do laboratório de informática da escola Maria da Glória, em Riquiça.

Para ele, que já passou por experiências como a de ter recebido três trabalhos não-

realizados de Internet de seus alunos que se preparava para o vestibular, a melhor maneira de evitar a prática é combater os alunos e, além, a rede mundial Google, Wikipedia e o site com o sugestivo nome de *24 Horas* costumam ser os mais requisitados entre quem copia.

Quando o professor conhece bem a ferramenta de pesquisa, consegue até lá de modo que agregue conhecimento ao aluno e restringe a cópia. Mas é preciso planejar o que se pede, afinal, não podemos pedir aos alunos que considerem processos como o contato com o computador — comenta Alexander.

#### Estado capacita professores para uso correto do computador

É foi pensando nisso que a Secretaria de Educação da Grande Florianópolis passou a capacitar os professores da rede pública estadual. Muitos que mal sabem ligar o computador, agora fazem uso dele em sala para orientar a utilização da tecnologia de forma que os estudantes saiam a Inter-

net para pesquisar e não para "colar".

— Assim, os professores têm um recurso a mais nas mãos, que torna o aula atraente e convidativa para a indústria digital — conta a pedagoga Carolina Freitas, coordenadora do Núcleo de Tecnologia em Educação da Gerência.

A professora de Ciências Ana Augusta Grotti, que dá aula para os alunos de 7ª à 8ª série da escola Antonieta de Barros, em Florianópolis, é um exemplo de professor que aprendeu a usar a Internet recentemente. De acordo com ela, detectar as cópias feitas é um desafio para o professor que está se atualizando com a tecnologia, mas garante que pensar bem antes de passar um trabalho pode impedir o control C e o control V. Três de seus alunos de 8ª série, Anderson de Oliveira, Amanda Alves e Adriana Lopes, já aprenderam a lição. Eles sabem que não só podem como devem buscar novidades na rede mundial, mas com bom senso.

— A gente só pega trechos do Google para complementar trabalhos e sabemos que é preciso colocar a fonte no final — dizem.

## CONTRA-ATAQUE

PETERSON CRIPPA DE SILVA \*

É o ódio mais do que na hora de correr atrás do prejuízo, largado muito cedo no meio do futebol, atualmente pode ser bem empregado quando a formação é o jogador. É principalmente a do ar. Mas se o placar da partida apenas está de cabeça para o outro lado e por culpa do time da casa.

É que desde o momento em que o objetivo maior passou a ser a busca orgânica e irreversível pelo jogo tecnológico, dentro do campo da realidade, deturpados de lado a principal o campo em que jogamos, a terra em que vivemos. É a partir disso, sabemos o destino da qualidade do ar, refletido concretamente na saúde de nós os jogadores os seres humanos.

As quatro principais fontes poluidoras atmosféricas:

1 - De origem natural — resultantes de poeiras, neblinas marinhas, queimadas de campo, gases vulcânicos, pólen vegetal, além de fumaça de queimadas naturais.

2 - De origem das transportes — resultantes da ação dos diversos veículos. Queimada dos combustíveis e emissão de gases.

3 - De origem pela construção — resultantes de fumaça de aquecimento doméstico e instalações, com diversos gases poluentes.

4 - De origem das indústrias — resultantes dos resíduos direcionados pelas grandes empresas, tanto no solo quanto no ar.

A poluição que há tempos faz parte da realidade do homem, ganhou força com a Revolução Industrial, em meados do século 18. Com ela veio a queima excessiva de carvão, lenha e derivados do petróleo, que significam a questão do problema atmosférico. São os que formam os resíduos os primeiros a serem o primeiro dos resíduos feitos do ar venenosos causados pelo carvão.

Atualmente, a realidade é bem mais complexa. São milhares cada vez mais difícil jogar nos grandes centros. O jogo não provoca mais condições adversas do ar, já faz parte do cotidiano de atletas e torcedores.

A poluição é definida como sendo a degradação da qualidade do ar e do meio ambiente, como o resultado de atividades que atreva ou naturalmente:

a - propagação a saúde, a segurança e o bem-estar da população;

b - criar condições adversas de atividades sociais e econômicas;

c - agitar o clima e o meio;

d - agitar as condições estéticas e sanitárias do meio;

e - lesar materiais ou energia em desacordo com os padrões ambientais estabelecidos em leis federais (Lei Federal no 4938, de 31 de agosto de 1966, regulamentada pelo decreto no 88.35/63).

A interferência das atividades urbanas industriais é muito paralelo com o desenvolvimento, um aspecto variado de tipos de poluição. Atiremos desde as pesquisas agressivas, nos computadores de vídeo, até os avançados estudos sob os reflexos físicos da evolução.

Continuando assim, não se pode esquecer que, como um jogo de futebol, a disputa pela sobrevivência vai ser hora por acabar. É para muitos casos, a derrota vai em menos de 45 minutos do primeiro tempo.

Sete de de Florianópolis de Silva/

# Um alerta para a população

Alunos de Herval D'Oeste expressam preocupação

Um bom observador do mundo poderá constatar os efeitos perniciosos do aquecimento global, que tem sido assunto recorrente nas escolas de Santa Catarina. O Verão passou por períodos insuspetados, o inverno demora para chegar. Há períodos difíceis de se saber em que estação do ano estamos. Por isso, a professora Sílvia Lanzetta, da Faculdade de Educação Santa Professor Odilon Fernandes, em Herval D'Oeste, aborda o tema com os estudantes do ensino fundamental, dentro das disciplinas de Língua Portuguesa e História.

Os alunos leem, veem vídeos, escutam com qualidade, não vivem tantas discussões

que foram surgindo. Hoje, com tanta tecnologia e inovações, não conseguimos reverter a situação agreste ao meio ambiente e, consequentemente, ao ser humano - explica a professora.

O objetivo do trabalho escolar foi conscientizar os alunos sobre a necessidade de ações urgentes.

Devemos resgatar nossas práticas e atitudes pensando também nas futuras gerações e em nosso grande lar, o planeta Terra, que está doente e pede socorro - finaliza.

Confira alguns dos trabalhos dos estudantes do ensino fundamental da Escola Professor Odilon Fernandes.

Quero comer bem, com qualidade, sem sentir o sabor do agrotóxico, quero o sabor verdadeiro



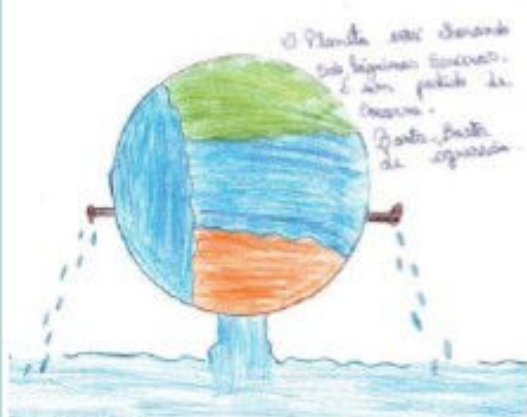
Michel Costa, 17 anos



Raphael Alves dos Santos, 7 anos



Daniel Peres, 7 anos



Bruno de Oliveira, 5 anos



Adriano Pavesi, 8 anos